

Lacroix dita a moda no festival de Arles

O estilista foi o curador convidado no evento francês de fotografia, o mais tradicional da Europa e que, como sempre, teve grandes atrações

Por Érico Elias, enviado especial a Arles



A 39ª edição do festival Rencontres d'Arles, realizado anualmente na cidade de Arles, sul da França, comprova o seu caráter independente ao mesmo tempo em que se estabelece como um evento de grandes proporções financeiras. O festival, que nasceu como uma atitude alternativa de um grupo de visionários, hoje se afirma como o principal acontecimento fotográfico cultural da Europa. Duas novidades confirmam essa tendência. Em 2008, os investimentos privados e provenientes das instituições que organizam o festival ultrapassaram pela primeira vez os investimentos públicos, provando que o evento conquistou a autonomia.

A outra novidade está profundamente relacionada com a própria cidade de Arles. Neste ano foi apresentado o projeto para a transformação do Parc des Ateliers, um espaço enorme em pleno centro da cidade com galpões que serviam de oficinas ferroviárias e estavam abandonados. A organização do festival ocupou o espaço com várias exposições e assumiu a dianteira do projeto, ao anunciar os planos de reestruturação, que têm assinatura do arquiteto canadense Frank O. Gehry e são fruto da participação de diversos parceiros, com grande atuação da administração pública da região.

As obras começam em 18 meses



Público reunido no Teatro Antigo para a primeira noite de abertura do Festival Rencontres d'Arles



Iluminação decorativa durante a Noite da Europa, um amplo panorama que contou com a projeção de trabalhos de fotógrafos de 27 países europeus

e o projeto arquitetônico definitivo deve ser anunciado na próxima edição do festival, em julho de 2009. O local vai abrigar espaços para exposição e arquivamento de fotografias e vídeos, a sede da organização do festival, da École Nationale Supérieure de la Photographie, da editora Actes Sud e da Fundação LUMA, voltada para o incentivo da arte e de artistas, além de um cinema, zonas comerciais e residenciais, um complexo hoteleiro e um espaço onde será possível no futuro criar uma nova estação ferroviária para a cidade. Por enquanto, o Parc des Ateliers está tomado por exposições de fotografia, o que indica a importância simbólica que o festival ganhou na cidade.

Como já é tradição, a cada edição do Rencontres d'Arles, a diretoria do festival convida uma personalidade relevante do universo da arte para fazer uma espécie de curadoria do evento. Em 2008, o convidado foi o estilista Christian Lacroix. Um convite inusitado e ousado por se

tratar de alguém conhecido no mundo da alta costura, que, a princípio, não teria muito a ver com a fotografia. Mas trata-se também, e sobretudo, de um convite pertinente, por um lado, porque o convidado nasceu na cidade de Arles e tira grande parte de sua inspiração criativa dos costumes da região, por outro, porque é um amante da arte e conhece o trabalho de diversos fotógrafos ligados aos campos editorial e artístico.

A moda e a fotografia têm relações que vão muito além da fotografia de moda ou do fato de a fotografia estar atualmente na moda no cenário da arte contemporânea. As duas formas de expressão se cruzam em alguns aspectos fundamentais. Ambas tratam das aparências, daquilo que é dado a ver, sem deixar de tocar nas questões mais profundamente humanas. As escolhas de Lacroix apontam para essas relações, além de criarem um interessante panorama da fotografia contemporânea.

RETRATOS CRÍTICOS

A escolha de Richard Avedon, por exemplo, poderia soar um pouco óbvia, já que o grande fotógrafo americano morreu recentemente e deixou um considerável acervo de fotografia de moda e retratos. O ensaio escolhido, no entanto, é surpreendente. É uma de suas últimas séries, publicada em 1995 na revista *The New Yorker*, que mostra uma modelo deslumbrante em sua relação diária com seu parceiro, um esqueleto. Uma clara crítica ao aspecto de futilidade da moda e à necessidade de sempre realçar a beleza e a jovialidade, é também uma ácida ironia aos padrões esqueléticos exigidos para as modelos.

As fotografias da inglesa Vanessa Winship, que recentemente lhe garantiram o prêmio internacional conferido pela Sony, também trazem uma espécie de avesso da moda. São retratos de jovens curdas que vivem em regiões de domínio turco. Para fazer os retratos, a fotógrafa pedia que as meninas colocassem o vestido usado obrigatoriamente para ir à escola, que traz emblemas do



Ensaio de Richard Avedon, produzido para a revista *The New Yorker*, em 1995, mostra a estranha relação entre uma modelo e seu parceiro, um esqueleto



Retrato do fotógrafo indiano Achinto Bhadra, que faz parte de um ensaio tocante, feito com garotas recolhidas para reabilitação em uma ONG de Calcutá

Estado turco. Na série, a monotonia e a repetição são propositais. Todas as fotos foram feitas em p&b, com a mesma objetiva, à mesma distância das pessoas retratadas. Os vestidos são todos muito parecidos.

Um claro contraste ao monótono ensaio de Vanessa Winship está no trabalho do fotógrafo indiano Achinto Bhadra, feito com jovens e mulheres entre 8 e 25 anos de idade que são recolhidas em uma ONG de Calcutá para reabilitação, vítimas das drogas, da violência, do abandono e da prostituição. Depois de levantar depoimentos e de se tornar íntimo das

garotas, o fotógrafo sugeriu que elas escolhessem uma pessoa, um animal ou uma divindade que gostariam de representar. Para cada uma, proporcionou a produção de um figurino e uma maquiagem especiais. Os retratos foram feitos em estúdio, em um silêncio sepulcral, propício para que as mulheres encarnassem esse "outro eu", para além dos sofrimentos vividos.

Um trabalho interessante, ainda na linha de retratos, é o de Pierre Gonnord. O fotógrafo francês que vive em Madri, na Espanha, sai às ruas da cidade e convida pessoas para posarem em seu estúdio, justamente as pessoas mais

esquecidas, os pobres, os indigentes, os imigrantes, os excluídos, aqueles que quase nunca são vistos, que passam despercebidos aos olhos da sociedade. É impressionante a força expressiva de seus retratos, todos realizados com fundo preto e enquadramento fechado no rosto do retratado.

A exposição mais surpreendente dentre as escolhidas talvez seja a do africano Samuel Fosso. Trata-se de uma longa série de auto-retratos em que o fotógrafo se traveste das mais variadas maneiras, encarnando personagens que também trazem

questionamentos e representações da situação política e social africana. O líder tribal, o empresário, o político populista, o ditador, o libertário, o mártir, o lutador de boxe, o dançarino, o presidiário, são todas faces distintas de uma mesma personalidade presente na mesma série de retratos.

MODA LEVE

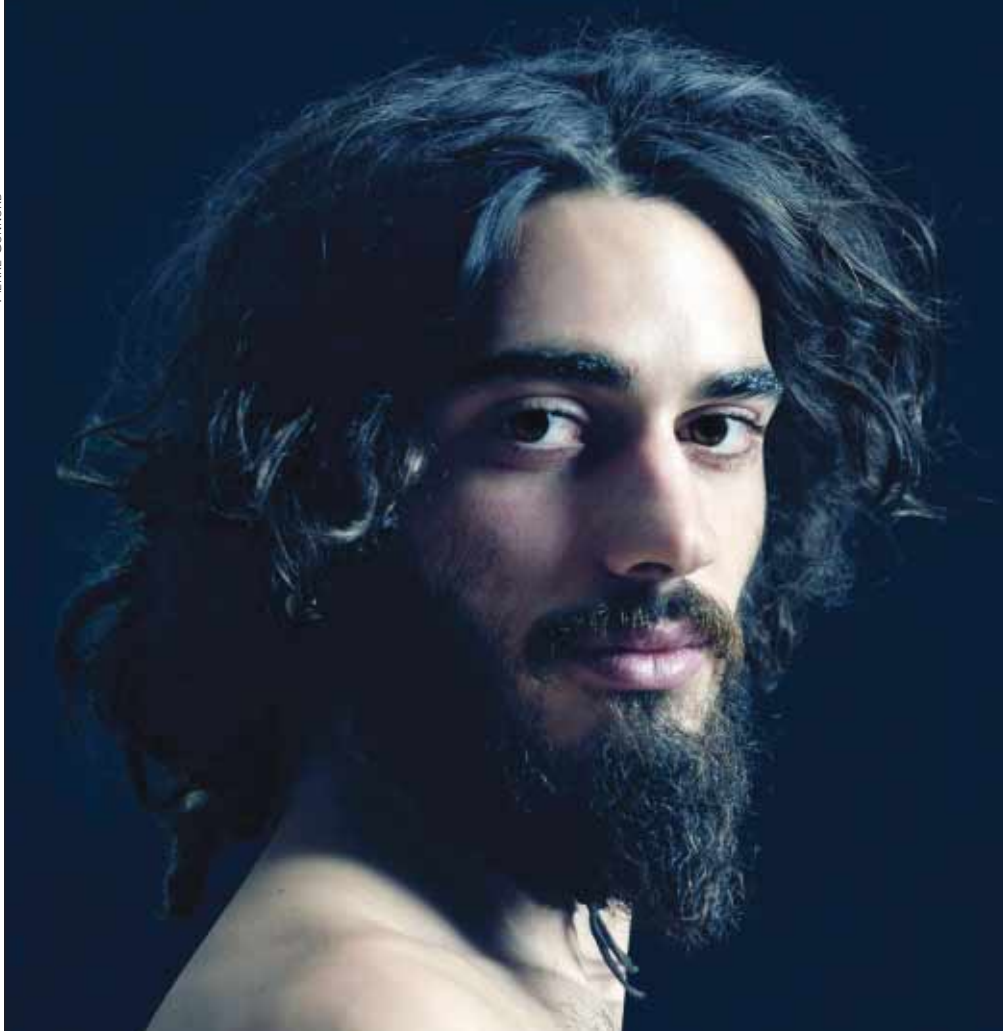
Um grande espaço foi reservado para a exposição do inglês Tim Walker, que cria situações inusitadas e bem-humoradas para fazer seus ensaios de moda. Nas cenas absurdas, que mostram objetos e animais em proporções alteradas, o fotógrafo cria uma espécie de mundo fantástico, despojado do ranço de seriedade e sensualidade que a maioria dos ensaios de moda tenta passar.

Em um viés mais pirotécnico se encontra o trabalho do francês Grégoire Alexander, que usa bastante o recurso da manipulação digital. Um aspecto interessante do conjunto de fotos apresentado é que muitas delas revelam os bastidores da fotografia de moda, deixam aparecer todo o aparato usado em estúdio para criar uma imagem "adequada" a ser consumida.

Um dos "ensaios" mais instigantes apresentados ao público do festival é o de Joachim Schmid, feito com fotografias recolhidas nas ruas de diversas cidades, como Berlim, Nova York, Paris e Belo Horizonte. Desde 1982, o "fotógrafo" alemão realiza esse trabalho de garimpagem em lixos, recuperando do esquecimento as imagens que são dispensadas e muitas vezes indesejadas, rasgadas, amassadas. É uma obra que questiona as convenções em torno da autoria e do valor estético da arte, pois aquelas imagens a princípio banais, particulares, retratos de família, fotos de viagens e para documentos, ganham uma força de atração impressionante e criam um imenso panorama das relações entre o homem, a sociedade e a fotografia.

Os vídeos do francês Joël Bartoloméu expostos no festival também exploram a apropriação de imagens alheias para a criação de novos significados. A matéria-prima

PIERRE GONNORD



Acima, retrato feito por Pierre Gonnord, que convida pessoas excluídas que encontra nas ruas de Madri para posar em seu estúdio; abaixo, foto do sul-africano Pieter Hugo, que ganhou o Prix Découverte pelo impressionante ensaio com adestradores de animais selvagens feito na Nigéria

PIETER HUGO





FOTOS: ÉRICO ELIAS

A fachada de entrada do Parc des Ateliers, onde estava concentrada a maioria das exposições



A exposição do alemão Joachim Schmid, que desde 1982 recolhe fotos encontradas em lixos



Local no Parc des Ateliers onde estavam reunidas as exposições dos candidatos ao Prix Découverte

do artista são as fotografias publicadas em jornais e revistas franceses, que são colocadas em novos enquadramentos quando misturadas a reflexões filosóficas e recordações pessoais. Um trabalho bastante denso e tocante.

O questionamento das aparências e da moda, o retrato e a questão da identidade, a criação ficcional de cenas e situações, a manipulação e a revelação dos bastidores da fotografia, a apropriação de imagens já existentes para criar novos significados são importantes vertentes da fotografia contemporânea que estão representadas na curadoria de Christian Lacroix para as exposições da 39ª edição do festival Rencontres d'Arles.

SEMANA DE ABERTURA

As exposições do festival, cerca de 60 no total, ficam em cartaz até o final de setembro de 2008. O período mais marcante do evento, no entanto, é a semana de abertura, que ocorreu entre 8 e 13 de julho este ano. Durante o período, diversos fotógrafos convidados para expor no festival estão presentes na cidade, ao lado de jornalistas, curadores, estudiosos, especialistas e amantes da fotografia.

A semana de abertura contou com três noites muito especiais, realizadas no Teatro Antigo, uma construção que data do 2º século antes de Cristo, vestígio marcante da presença do Império Romano na cidade de Arles. A primeira noite começou com a entrega dos prêmios conferidos anualmente pela Leica.

O prêmio Oskar Barnack 2008, que recebe inscrições de ensaios vindos de diversas partes do mundo, foi para Lucia Nimcova, fotógrafa da Eslováquia que registrou os costumes e o cotidiano das pessoas de sua cidade, mostrando que muito pouco mudou no país depois da queda do comunismo. Pelo prêmio, ela recebeu 5 mil euros. Em 2007, o Oskar Barnack foi dado ao brasileiro Júlio Bittencourt, que também foi a Arles para recebê-lo.

A Leica ainda fez a entrega do Publishers Awards, um prêmio dado



FOTOS: ÉRICO ELIAS

Acima, a exposição de retratos do estilista Christian Lacroix, feita a céu aberto no Parc des Ateliers; abaixo, a mostra de fotos de moda de Peter Lindbergh, montada na Igreja des Frères Prêcheurs



ao melhor projeto de livro inscrito. Quem ganhou a edição 2008 foi o fotógrafo dinamarquês Jacob Aue Sobol, por um trabalho de grande intensidade feito na cidade de Tóquio, no Japão, onde mora desde 2006. Além de ter seu livro publicado, ele ganhou 10 mil euros em dinheiro e uma câmera Leica M8 com nome gravado.

A entrega dos prêmios foi apenas uma preparação para a apresentação

da grande estrela da noite, a fotógrafa francesa Françoise Hugier, uma das convidadas de honra de Christian Lacroix. Ela preparou uma projeção com trabalhos realizados nos últimos 30 anos, uma bem dosada mistura entre ensaios autorais feitos em diversos países, como Índia, China, Brasil e Japão, retratos de artistas e fotos de moda nada convencionais.

Embora trabalhe para grandes revistas, Françoise Huguier não deixou

nunca de se dedicar a projetos pessoais, muitos deles mantendo um diálogo direto com a fotografia de moda. A fotógrafa também foi convidada para expor no festival, para o qual trouxe um ensaio feito em um conjunto de apartamentos de São Petesburgo, na Rússia. A proximidade que ela criou com os moradores do local pode ser medida pelas várias fotografias de nu que fazem parte do ensaio.

MODA NA MIRA

A segunda noite realizada no Teatro Antigo, no dia 10 de julho, foi aberta por uma tocante homenagem ao estilista Yves Saint-Laurent, morto recentemente. Na sequência foram apresentados os trabalhos concorrentes ao Prix Découverte, conferido anualmente pela organização do festival a um fotógrafo de destaque no cenário internacional. Os 15 nomes foram indicados por cinco editores de revistas relevantes de diferentes países, escolhidos por Christian Lacroix. A fotografia de moda estava em maioria, mas o conjunto dos trabalhos indicados foi bastante variado.

O público pôde ainda degustar um delicioso encontro entre o alemão Peter Lindbergh e o italiano Paolo Roversi, dois grandes fotógrafos de moda que vivem e trabalham em Paris há três décadas. Em tom de duelo e de mútua admiração, os dois mostraram suas obras, feitas de sotaques bem distintos. Enquanto Lindbergh gosta de fazer produções cinematográficas nas ruas da cidade ou em locações externas amplas, como praias e parques, Roversi tem um trabalho mais simples e despojado, quase sempre realizado com fundo neutro em seu "miserável" estúdio, como gosta de dizer. Os dois também foram convidados a expor no festival.

A última noite da semana de abertura do festival foi marcada pela apreensão, pois a forte chuva que caiu no fim da tarde parecia ameaçar o evento, já que as apresentações no Teatro Antigo são feitas a céu aberto. Felizmente, a chuva deu uma trégua, apesar de ter atrasado em mais de uma hora o início das apresentações. ▶



FOTOS: ÉRICO ELIAS

Acima, cena da mostra de Katerina Jebb, que foi realizada no claustro da Igreja de Saint-Trophime



Acima, mesas para leitura de portfólio, uma das atividades mais disputadas do festival; abaixo, uma exposição de livros de fotografia que concorreram a um prêmio de melhor projeto editorial



A noite começou com a revelação do ganhador do Prix Découverte, que saiu da votação do público do festival. O grande vencedor foi o sul-africano Pieter Hugo, por um conjunto de retratos feitos com adestradores de animais selvagens da Nigéria. Um trabalho de fato surpreendente e bastante superior aos demais, que já havia sido apresentado ao público brasileiro na 27ª Bienal de São Paulo, em 2006. Pelo prêmio, o fotógrafo levou 25 mil euros.

O evento seguiu com um desfile de Christian Lacroix e foi fechado em grande estilo por uma projeção de imagens marcantes feitas pelo fotógrafo checo Josef Koudelka durante a invasão de Praga pelos soviéticos em 1968, acontecimento que está fazendo 40 anos e deixou profundas cicatrizes na história do país, que, na época, era ainda a Checoslováquia e atualmente está dividido entre República Checa e Eslováquia. A apresentação das fotos, muitas delas ainda inéditas, foi acompanhada de emocionantes trechos de depoimento do fotógrafo, presente na platéia.

REFERÊNCIA MUNDIAL

Assim começou o festival Rencontres d'Arles, um dos mais importantes eventos para a fotografia em nível mundial, que ainda contou com debates, leituras de portfólio e um colóquio. O crescimento contínuo do festival e a grande proporção que ele atingiu servem de referência para outras realizações do gênero, caso do festival Paraty em Foco, no Brasil. Demonstra também que a fotografia passa por uma fase de esplêndida expansão e vem conquistando um espaço cada vez mais relevante no contexto da cultura e da arte.

Todas as exposições do festival seguem abertas em Arles até o final de setembro de 2008. Muitos workshops e atividades didáticas estão programados para acontecer ao longo do verão europeu. Confira todos os detalhes no site www.rencontres-arles.com.